

# A inscrição lusitano-romana da Quinta da Sempre-Noiva (Arraiolos) e o problema dos *Cornelii Bocchi*

Por

FERNANDO BANDEIRA FERREIRA

Bolseiro do Instituto de Alta Cultura

*À memória de Leite de Vasconcelos*

I

Na sessão de 19 de Novembro último da 2.ª Subsecção da 6.ª Secção da Junta Nacional de Educação, tive a honra de ler uma pequena nota referente ao descobrimento duma inscrição lusitano-romana efectuado pelo Sr. Túlio Espanca, na quinta da Sempre-Noiva, nos arredores de Arraiolos.

Nessa nota <sup>(1)</sup>, eu apresentava a leitura da inscrição feita pelo seu descobridor, discutia, ainda que rapidamente, o difícil problema da sua identificação com o texto publicado sob o n.º 35 no vol. II do *CIL* e terminava afirmando: «Por agora, o que me parece fundamental é o estudo da inscrição da Sempre-Noiva, pois, considerada a importância dos problemas que gravitam em torno do nome de *Cornelius Bocchus* — e dos quais se pode fazer uma ideia, consultando o artigo citado de Leite de

---

(1) Intitulada *Notícia duma Inscrição Lusitano-Romana Existente num Muro da Quinta da Sempre-Noiva (Arraiolos)*. V., no fim do presente artigo, a transcrição quase integral do seu texto.

Vasconcelos — todo monumento, que o ostente, adquire singular interesse.» (cf. pág. 4 da referida nota).

Sugeria também que se iniciassem «negociações com o proprietário da quinta para que a lápide» ingressasse, «tão breve quanto possível, num museu do Estado.» (cf. pág. 5).

Na mesma sessão, fui encarregado pela Junta de visitar a Sempre-Noiva e estudar a inscrição *in situ*.

Satisfazendo esta honrosa incumbência, fui ao local em 27 de Dezembro, na companhia dos Srs. Dr. D. Fernando de Almeida, Ten.-Cor. Afonso do Paço e Eng.º Octávio da Veiga Ferreira.

Ao fim de algumas buscas infrutíferas (os empregados da quinta fingiram, ao princípio, ignorar a existência da lápide), encontrámos a inscrição metida na face exterior do troço meridional do muro, que cerca completamente a propriedade (v. fotograf. 1).

## II

O texto está exarado num bloco paralelepípedo de mármore azulado (talvez proveniente de Montes Claros [Alto Alentejo], na opinião do Sr. Eng.º O. Veiga Ferreira), que mede 0,490 m de comprimento e 0,290 m de altura. Não pude determinar a espessura porque a pedra está bem metida no muro.

Sem grandes dificuldades, consegui ler:



ELIO  
BOCCHO  
AM·PRO INC TRMIL·  
LONIA·SCALLABITANA  
M·RITAIN·COLON·

(V. também fotogr. 2 e 3).

A minha leitura não se afasta, portanto, muito da do Sr. Túlio Espanca, que sòmente deixou escapar aqui e além alguns restos de letras, o que é absolutamente natural numa pessoa que não se dedica à Epigrafia.

Copiada <sup>(2)</sup> e fotografada a inscrição, efectuei uma série de medidas <sup>(3)</sup> com o fim de me facilitar a tentativa de reconstituição do texto que a seguir farei.

O bloco, como bem se vê nas fotogr. 2 e 3, foi grandemente afectado por pancadas, sobretudo à esquerda e em baixo, que destruíram as arestas primitivas e atingiram bastante as linhas 3, 4 e 5 mas felizmente de maneira que não impossibilita a sua reconstituição, como veremos. O mesmo não sucedeu com a importantíssima 1.<sup>a</sup> linha, a que pancadas pequenas mas numerosas e o desgaste destruíram total ou parcialmente muito mais de metade dos caracteres.

Passemos, pois, ao exame da inscrição, linha após linha, tentando ao mesmo tempo a sua reconstituição.

Na primeira linha, cujos caracteres têm 0,042 m de altura, nota-se, logo à esquerda, o que só pode ser o resto dum C. Depois há um espaço vazio, a seguir ao qual vêm o resto dum E e as letras LIO intactas. A linha finda com o resto doutro C e um pequeno traço levemente inclinado para a direita.

Não tenho grandes dúvidas, em vista do contexto, que, nesta linha, estivessem exarados o *praenomen*, o *nomen gentile* e a filiação da personagem a que a inscrição foi dedicada. Por outro lado, conhecendo nós a existência do nome *Cornelius Bocchus*, na Lusitânia transtagana, por outros textos epigráficos, também não duvido que ELIO seja o final de CORNELIO.

Portanto, o primeiro problema aliás importantíssimo que surge é saber se o C da esquerda é a sigla do prenome do homenageado ou a inicial de CORNELIO, ou seja, se entre o mesmo C e os restos do E faltam quatro letras (CORN) ou apenas três (ORN).

(2) Fiz a cópia entre as 11 h e 30 m e as 12 h e 50 m, com luz de chapa, muito pouco favorável portanto.

(3) A meu pedido, o Sr. Eng.º Veiga Ferreira conferiu algumas delas, o que muito agradeço.

Penso que algumas das medidas, que tirei, me permitirão demonstrar que a última hipótese é a mais verosímil.

Em primeiro lugar, notarei que o espaço em branco, que vai do primeiro C ao E mede 0,165 m; seguidamente que há quase uma perfeita igualdade de tamanho entre as letras desta primeira linha e as da segunda.

Posto isto, admitamos que faltam somente três letras, ORN. Os três O das linhas 1 e 2 têm uma largura média de c. 0,037 m. O R, de que não há nenhum exemplo nas duas regras iniciais, devia ter uma largura mais ou menos idêntica à do B de BOCCHO, ou seja uns 0,019 m. O N seria, provavelmente, da largura do H, isto é, mediria 0,032 m.

Tratemos, agora, dos espaços. Para maior rigor, considerarei apenas os que se conservam na 1.<sup>a</sup> linha, porque, como a segunda só tem uma palavra, o lapicida alargou-os aqui para dar maior equilíbrio à inscrição. Ora, na linha inicial, a extensão média dos espaços é de 0,017 m (não considere, ao calcular este valor, o espaço entre o L e o I porque não é significativo devido à forma do L).

Temos, pois:

|                  |     |     |     |            |
|------------------|-----|-----|-----|------------|
| Espaço do C ao O | ... | ... | ... | 0,017 m    |
| Largura do O     | ... | ... | ... | 0,037 m    |
| Espaço do O ao R | ... | ... | ... | 0,017 m    |
| Largura do R     | ... | ... | ... | c. 0,019 m |
| Espaço do R ao N | ... | ... | ... | 0,017 m    |
| Largura do N     | ... | ... | ... | c. 0,032 m |
| Espaço do N ao E | ... | ... | ... | 0,017 m    |

Total ... .. c. 0,156 m

valor que muito se aproxima dos 0,165 m do espaço vazio que vai do C ao E.

Aplicando o mesmo processo e utilizando as mesmas medidas para a hipótese de faltarem quatro letras, obteríamos um valor total de c. 0,210 m, que se afasta muito dos 0,165 m.

A hipótese de só ter desaparecido o grupo ORN é ainda corroborada pela posição do resto do C, não só em relação ao B da 2.<sup>a</sup> linha mas

também à aresta lateral esquerda do bloco, que foi destruída, cuja posição, contudo, é fácil de calcular com bastante aproximação.

Corolário do que acabo de expor é a hipótese de faltar uma letra antes do resto do C, letra que constituiria a sigla do *praenomen* do homenageado. Qual não sei mas, pelo que adiante veremos, é de admitir que fosse um L.

Depois de CORNELIO, existiram certamente um C, como já disse, e muito provavelmente um F de que o pequeno traço referido seria o resto da haste. O facto de esse traço estar um pouco inclinado não invalida, a meu ver, a suposição. É natural que, após a sigla do *praenomen*, existisse um ponto, bem como depois do C e do F da filiação.

Teremos, portanto,

| L · CORNELIO C · F · |

ou

«[L. ?] C[orn]elio, C. [f(ilio)]».

Com esta reconstituição, a 1.<sup>a</sup> linha fica completamente simétrica em relação aos bordos da pedra e ao resto da inscrição. Na hipótese de faltarem quatro letras, essa simetria desapareceria, ficando a linha excessivamente para a direita.

A segunda linha não oferece dificuldades. Conforme previra, a primeira letra é um B e não um D. A dúvida do Sr. Túlio Espanca é muito compreensível, porque a parte central da letra foi destruída. Nota-se, contudo, que o raio do arco de circunferência superior é menor que o do inferior, o que não se verificaria se se tratasse dum D. Depois do segundo O de BOCCHO, parece-me haver um ponto mas, devido às más condições de iluminação, não tenho a certeza. As letras medem de altura 0,042 e 0,043 m, com excepção do primeiro C que tem apenas 0,040, e estão bastante espaçadas, o que se explica pelo facto de se ter procurado encher a linha para equilibrar o conjunto.



A terceira linha foi cerceada no início e algumas letras centrais danificadas. No aspecto paleográfico, apenas observarei que o A não possui traço horizontal, o que é vulgar, e o T é mais alto que as restantes letras, o que se verifica também em muitas inscrições; mede 0,037 m, enquanto os restantes caracteres têm 0,031 m apenas. Parece ter havido entre o M e o P um ponto ou talvez um triângulo *distinguens*.

Aplicando o mesmo processo já usado na reconstituição da linha 1, verifica-se que, no espaço que ia da aresta primitiva da lápide ao primeiro A, cabem duas letras e só duas, que devem ser FL. Depois do O, que foi levemente danificado à direita, falta um V; após o C e o L devem ter existido pontos: Não encontrei vestígios deles entre o R e o M mas é muito provável que tenha havido aí também um. A reconstituição será pois:

| FLAM·PROVINC·TR·MIL· |

ou

«[fl]am(ini) pro[u]inc(iae), tr(ibuno) mil(itum)».

A 4.<sup>a</sup> linha, composta de letras de 0,031 m (com excepção do T que, também mais alto, mede 0,038 m), só foi praticamente atingida no início, faltando-lhe do mesmo modo duas letras e só duas: CO. Depois de LONIA parece haver um ponto. Os AA também não possuem traço horizontal. A notar, a grafia SCALLABITANA, com duplo L.

Será, portanto:

| COLONIA SCALLABITANA |

Finalmente, a 5.<sup>a</sup> linha, com caracteres de 0,029 m e um T de 0,037. foi, depois da primeira, a mais atingida por cerceios, não só no início como na parte inferior. Estudá-la-ei, por isso, mais detidamente.

A primeira letra que se distingue, aliás com facilidade, é um M. A seguir deve ter existido um E de que parece restar só o traço hori-

zontal superior. Julgo que o único A desta linha tenha barra horizontal e que após os dois NN existam pontos.

Não é, portanto, difícil ler MERITA IN. COLON, o que de certo modo faz sentido. Contudo, como as pancadas, que o bloco recebeu, atingiram muito esta linha, é provável que algumas letras tenham desaparecido no início. Quantas e quais é o que vamos ver.

A primeira coisa a observar é que esta linha é mais curta que a quarta (assim como esta é menos longa que a terceira). Com efeito, as distâncias que vão do N e do ponto de COLON. ao bordo lateral direito da pedra, são respectivamente de c. 0,050 e 0,040 m, enquanto a distância do último A da 4.<sup>a</sup> linha ao mesmo bordo mede apenas 0,020 m. Ora, se a 5.<sup>a</sup> linha acaba antes da quarta, é muito provável que principiasse também depois, visto ser simétrica a inscrição. Daqui podemos concluir que, não obstante o espaço que ia do M de MERITA ao bordo lateral esquerdo, quando ele estava intacto, ter uns 0,090 m e nele caberem à vontade três letras, por causa da aludida simetria da 5.<sup>a</sup> linha em relação à quarta e ao resto da inscrição, devem faltar somente *dois* caracteres. Com efeito, se no fim da 5.<sup>a</sup> linha há um espaço em branco de 0,050 ou 0,040 m, é natural que existisse também no início. Subtraindo estes dois valores de 0,090, obtemos respectivamente 0,040 e 0,050 m, que será a extensão do espaço útil, apenas suficiente para duas letras.

Alonguei-me na discussão deste ponto pelo motivo que adiante veremos.

Quais seriam essas letras? Evidentemente OB ou seja a preposição que tantas e tantas vezes aparece em inscrições regendo o acusativo MERITA (<sup>4</sup>).

Na 5.<sup>a</sup> linha, ler-se-á, por conseguinte:

| OB MERITA IN • COLON • |

(<sup>4</sup>) Por exemplo, numa inscrição de Alcácer do Sal, referente a *L. Porcius Himerus* (CIL, II, n.º 34).

Em suma: a inscrição, na sua totalidade, pode reconstituir-se da maneira indicada na fotog. 4, reconstituição que lhe devolve a perfeita simetria que muito provavelmente tinha antes das mutilações. A leitura será:

«[L. ?] C[orn]elio, C. [f(ilio)], / Boccho / [fl]am(ini) pro[u]inc(iae),  
tr(ibuno) mil(itum), / [Co]lonia Scallabitanā / [ob] m[e]rita in  
Colon(iam).»

No que respeita à braquigrafia, apenas merece reparo a abreviatura COLON., que é muito rara, pelo menos nas Províncias Ibéricas <sup>(5)</sup>. Geralmente, a palavra abrevia-se por suspensão da segunda sílaba, isto é, em COL. <sup>(6)</sup>, conhecendo-se, contudo, muitos exemplos de abreviatura em C <sup>(7)</sup>.

### III

Antes de entrar nesta terceira parte do presente estudo, direi que, para as considerações que vão seguir-se, não pude infelizmente utilizar os manuscritos originais do antiquário castelhano do século XVIII, Cornide y Saavedra, mas somente uma cópia parcial dos mesmos, com o seguinte título: *Inscripcoens [sic] Lapidares de Varias Cidades, Villas, e Lugares do Reino de Portugal Colligidas por Dom Jozé Cornide*. É um volume in-fol., de 154 fls. não numeradas, encadernado, sem nome do copista, nem local, nem data <sup>(8)</sup>. Existe na Biblioteca Nacional de Lisboa, no *Fundo Geral de Manuscritos*, sob o n.º 476 (antigas cotas: B. 6-28 e B-3-41) <sup>(9)</sup>. Por isso, quando adiante me refiro a Cornide, faço-o sempre através desta cópia.

Consoante já apontara na *Notícia* lida na sessão de 19 de Novembro, há uma impressionante semelhança entre o texto da Sempre-Noiva e a

<sup>(5)</sup> Conheço apenas outro exemplo na Península: COLON · AVG · FIR ·, numa inscrição de *Astigi* (Bética) (CIL, II, n.º 1480).

<sup>(6)</sup> Só na Península: CIL, II, n.ºs 32, 47, 1471, 1475, 1630, 2217, 4071, 4202, 4253, 4263, 4276-7, 4536-48, etc., etc.

<sup>(7)</sup> Também só na Península: CIL, II, n.ºs 54, 492, 1178, 1188, 2218, 2225, 2348, 2992, etc.

<sup>(8)</sup> Mas certamente da 1.ª metade do séc. XIX.

<sup>(9)</sup> Esta última é a dada por Hübner, CIL, II, n.º 35.



inscrição que Cornide atribui a «Salacia, hoy Alcaçar do Sal» e diz estar num «otro cipo», «junto a la Iglesia de la Misericordia», e que reza o seguinte:

L. CORNELIO. C. F.  
BOCCHO  
FLAM. PROVIN. TR. MIL.  
COLONIA . SCALLABITANA  
OB. E. MERITA IN COLON.

(cf. fl. [141]) (<sup>10</sup>).

Esta versão foi publicada por Hübner, no *CIL*, II, pág. 7, sob o n.º 35, com as seguintes modificações:

Linha 3 — acrescentou um C a PROVIN;

---

(<sup>10</sup>) As inscrições, que Cornide atribui a Alcácer, estão antecedidas por esta declaração muito curiosa: «No tengo presente de donde copié / las siguientes inscripciones.» Parece, portanto, que o antiquário espanhol não copiou directamente da pedra os textos epigráficos que apresenta, antes os coligiu de outra obra. Mas qual?

No que respeita à inscrição de *Bocchus* apenas, era já conhecida pelo menos desde o século XVI e tinha sido copiada por Carolus Clusius (Charles de l'Écluse) e publicada depois por Muratori, Saxius e Masdeu mas sempre com enormes deturpações como vamos ver.

Clusius apresenta-a deste modo, num dos seus manuscritos:

C . MELIO  
DOC . CH . AM PROMC . IN  
MIL . COLONIA SALABITANA  
MERITA IN COLONIA

(Servi-me da transcrição de Hübner, *CIL*, II, pág. 7, n.º 35).

A diferença, como se vê, é notabilíssima mas admito, com Hübner, tratar-se da mesma inscrição, tanto mais que não sabemos ao certo se Clusius copiou ele mesmo o texto ou se recebeu uma cópia de pessoas amigas: «Titulos Salacienses praeter unum (n. 35), quem *Clusius* sive a se descriptum sive ab amicis acceptum e peregrinatione sua rettulit, ... descripserunt *Resendius* (quem reliqui fere secuti sunt), marchio *Abrantes*, *Cornide* Hispanus ...» (cf. Hübner, *CIL*, II, pág. 7).

Clusius substituiu SCALABITANA por SALABITANA por a inscrição ser de Salácia !... Posteriormente, outros autores, baseados em Clusius, publicaram a inscrição.

Linha 4 — substituiu SCALLABITANA por SCALABITANA. Porquê? Influência de Clusius e dos outros autores? Mas convém não esquecer que ele próprio escrevia *Scallabis*;

Linha 5 — eliminou o primeiro E e substituiu COLON por COLONIAM, talvez por duvidar que na inscrição estivesse exarada essa abreviatura, que, como vimos acima, é muito rara, embora documentável até por, pelo menos, um texto peninsular.

Devo salientar que Hübner já não pôde estudar directamente a inscrição de Alcácer.

---

Escreve Lodovico Antonio Muratori, in *Novus Thesaurus Veterum Inscriptionum* ..., t. II, Mediolani, MDCCXL, *Classis XVI. Municipia, et Coloniae*, pág. MCXVII, [n.º] 4:

«In Oppido Salaciae, / in Lusitania. / E Schedis P. Cattanei.

C . MELIO . . . . . CLOC . . . . . CHAN  
PRO . M . C . IN MIL .  
COLONIA . . . . . SCALABITANA  
OB MERITA IN COLONIA

«*Colonia Scalabis, quae Praesidium Julium vocatur*, (verba Plinii sunt Lib. 4. Cap. 22. ubi de Lusitania agit) nunc *Santaren* [sic] creditur. Duae priores lineae Inscriptionis hujus, ex attrito saxo expressae nullum mihi sensum reddunt.»

E Juan Francisco de Masdeu, in *Historia Crítica de España, y de la Cultura Española*, ... traducida al idioma español por N..., t. VI. *España Romana*, Madrid, M. DCC. LXXXIX, cap. XIII. *Memorias Geográficas de la España Romana*, art. XVII. [letra] S, pág. 385:

«1116. *Scalabis*. En Santaren.

C . MELIO . . . . .  
DOC . CH . AMPRO . M . C .  
IN . . . . . MIL .  
COLONIA . SCALABITANA  
. . . . . MERITA  
IN . COLONIA . . . . .

«Inscrip. 1116. Esta inscripción imperfecta pertenece sin duda á la antigua *Scalabis Praesidium Julium*, hoy Santaren en Portugal. Christoval Saxio, siguiendo las huellas de Carlos Clusio, en vez de *Colonia Scalabitana* leyó *Salabitana*, y la tomó por Alcacer-do-Sal, confundiendo dos Ciudades bien diferentes, y muy apartadas la una de la otra...».

Como se vê, até 1789 várias obras, com certeza conhecidas de Cornide, traziam a inscrição mas copiada com lamentável imprecisão, o que não admira, porque, como disse acima, todos os autores se basearam em Clusius, modificando conjecturalmente o seu texto aqui e além.

Onde, pois, foi Cornide buscar a sua versão tão correcta, uma vez que parece não a ter copiado directamente da pedra? Não o sei dizer.

*Nota* — No ms. 476, está desenhada, entre os vocábulos COLONIA e SCALLABITANA, uma pequena aspa com o vértice para baixo. Substituí-o por um ponto para facilitar a composição tipográfica. Com a aspa, o copista quis talvez representar um *triangulum distinguens*.

Comparando, agora, a versão de Cornide com a lápide da Sempre-Noiva, verifica-se que apenas na primeira linha há um L antes de CORNELIO, falta, na terceira, um C e existe a sigla E. após a preposição OB, o que constitui a única discordância notável entre os dois textos.

Parece-me, todavia, esta discordância inteiramente resolúvel: a presença do E deve corresponder a simples lapso, porque não só é rara <sup>(11)</sup> a fórmula OB. E. MERITA (embora esteja registado o conjunto similar OB M. E. = *ob merita eius, ob memoriam eius*) <sup>(12)</sup>, como também a expressão OB MERITA é, podemos afirma-lo, clássica em inscrições honoríficas, como a presente, sendo até documentável por outra lápide de Alcácer (CIL, II, n.º 34), como já aponte. Creio, portanto, que, neste ponto, Hübner teve razão em corrigir a cópia de Cornide, eliminando o E da sua versão <sup>(13)</sup>.

Por outro lado, conforme já observei ao fazer a reconstituição, dificilmente poderia haver, na 5.ª linha da inscrição da Sempre-Noiva, mais de duas letras antes de MERITA, sob pena de quebrar-se a perfeita simetria do conjunto.

Verifica-se, portanto, uma igualdade quase absoluta entre os textos de Alcácer e da Sempre-Noiva. Como não é frequente a existência de inscrições iguais e como a de Alcácer desapareceu, parece-me de admitir, pelo menos por agora, a identificação das duas lápides. Apenas há um argumento evocável contra a hipótese: a indicação contida no ms. n.º 476 de que a inscrição estava num «cipo». Trata-se, porém, dum argumento menos valioso do que parece à primeira vista: ignoramos até que ponto era preciso, na sua linguagem, o autor desconhecido que Cornide parece ter consultado; por outro lado, é de admitir a hipótese de a inscrição ter estado, de facto, exarada num cipo, que, mais tarde, teria sido retalhado até ficar com a forma e dimensões que hoje apresenta.

<sup>(11)</sup> Suponho que, pelo menos na Península, não haja exemplos.

<sup>(12)</sup> A. Cappelli, *Dizionario di Abbreviature Latine ed Italiane*, Milano, 1949, pág. 485; R. Cagnat, *Cours d'Épigraphie Latine*, Paris, 1914, pág. 448.

<sup>(13)</sup> Embora seja argumento de pouco valor, convém salientar que este E não aparece nas versões de Clusius, Muratori e Masdeu.

Da identificação, que acabo de propor *apenas como hipótese*, conclui-se que a sigla do *praenomen* do homenageado devia ser, com toda probabilidade, um L <sup>(14)</sup>.

\*  
\*   \*

O achado duma inscrição perdida — se de perdida se trata — é sempre um motivo de regozijo e só por isso deveríamos estar gratos a Túlio Espanca. Porém, algo mais importante resulta do descobrimento do texto da Sempre-Noiva.

Primeiro Hübner, no *CIL*, II, *Suppl.* (1892), pág. 803, sob o n.º 5184, e depois Leite de Vasconcelos, n' *O Archeologo Português*, I (1895), pág. 71 <sup>(15)</sup>, publicaram uma inscrição encontrada na Tróia de Setúbal <sup>(16)</sup> e, como a da Sempre-Noiva, dedicada a um *Cornelius Bocchus*. Estava também mutilada e o primeiro destes autores reconstituiu-a do modo seguinte:

l. c | CORNELIO • I • F  
b | OCCHO  
flamen | I • PROVINC  
tr. | MII • IEC • III • AVG

Leitura de Hübner, *loc. cit.*:

«[L. C]ornelio [C.] f(ilio) [B]occho, [flami]ni prouinc(iae), [tr(ibunus)]  
mil(itum) leg(ionis) III Aug(ustae).»

Por que «[C.] f(ilio)» e não «[L.] f(ilio)» como se vê acima? Porque acerca da sigla do *praenomen* do pai deste *Bocchus* houve dúvidas

<sup>(14)</sup> As mutilações que a lápide sofreu apoiam de certo modo a hipótese do transporte da inscrição de Alcácer para Arraiolos, corolário da identificação que aventurei.

<sup>(15)</sup> O artigo de Leite de Vasconcelos referido no texto intitula-se *Excursão archeologica a Alcacer-do-Sal* e voltou a ser publicado, quase sem modificações, pelo autor in *De Terra em Terra...*, II, Lisboa, 1927, págs. 19 e segs.

<sup>(16)</sup> Ignoro onde ela hoje pára.

que podemos considerar esclarecidas devido a Leite de Vasconcelos. Com efeito, Augusto Soromenho, talvez influenciado pela inscrição de Alcácer copiada por Cornide, «disse ao Sr. Hübner que em lugar do L julgava que podia também estar um C...» <sup>(17)</sup>: «Augusto Soromenho descripsit, qui lectionem affirmat omnino certam esse excepta sola littera versus primi paenultima, quam etiam C esse posse putabat» — escreve o próprio Hübner <sup>(18)</sup>. Porém, Leite de Vasconcelos afirma peremptoriamente: «mas eu vi uma photographia, embora um tanto apagada, da pedra, e nella lia-se, não C, mas sim L. Por tanto Soromenho não tinha razão, e o texto dado pelo Sr. Hübner está exacto.» <sup>(19)</sup>

Quem conhece a extrema prudência de que era dotado Leite de Vasconcelos, não duvidará que, nesta inscrição da Tróia, a sigla em causa seja, na realidade, um L.

O que acabamos de ver tem uma importância que ultrapassa o âmbito da Epigrafia lusitano-romana, porque significa a demonstração da existência de pelo menos dois *Cornelii Bocchi*, um *L. filius*, outro *C. filius*, o que aliás já fora admitido, como hipótese, por Hübner <sup>(20)</sup>. É importante também salientar que esta tese é *completamente autónoma* da hipótese dos textos de Alcácer e da Sempre-Noiva serem um só.

Qual então o parentesco entre as duas personagens? Se a cópia dada por Cornide é exacta, se o *Bocchus* de Alcácer — Sempre-Noiva era *Lucius*, a hipótese de o da inscrição da Tróia ser seu filho torna-se muito consistente <sup>(21)</sup>. Porém, se considerarmos apenas o texto da Sempre-Noiva tal como

<sup>(17)</sup> Cf. Leite de Vasconcelos, *loc. cit.*

<sup>(18)</sup> *Loc. cit.*

<sup>(19)</sup> *Loc. cit.*

<sup>(20)</sup> *Loc. cit.*

<sup>(21)</sup> Hübner, *loc. cit.*, admitiu também esta hipótese mas pô-la de maneira diferente: «Si revera Lucii praenomen, non Gai, in titulo Caetobrigensi [*i. é da Tróia*] est, vir hoc titulo honoratus potest etiam filius fuisse eius, quem Salaciae [= Alcácer do Sal] videtur honorasse colonia Scallabis...». A diferença reside, pois, no seguinte: enquanto eu considero condição de validade da hipótese ser *Lucius* o *Cornelius Bocchus* da inscrição de Alcácer — Sempre-Noiva, Hübner torna-a dependente de ser *Lucii filius* o *Bocchus* da Tróia. Isto explica-se pela circunstância do epigrafista germânico, devido à informação de Augusto Soromenho, ter ficado na dúvida acerca da filiação exarada no texto da Tróia, dúvida que para mim não existe, graças ao testemunho de Leite de Vasconcelos. Em compensação, Hübner aceita sem discussão ser *Lucius* o *Bocchus* de Alcácer, o que é para mim duvidoso, por ter desaparecido a sigla do primeiro *praenomen* da inscrição da Sempre-Noiva.

No mesmo local, Hübner admite ainda que, na inscrição de Alcácer, esteja L. F. e não



ele hoje se encontra, com a sigla do *praenomen* do homenageado destruída, um pode ser filho ou pai do outro ou até ter com ele parentesco diferente, uma vez que a inscrição da Tróia também não conserva a sigla do prenome do indivíduo a que foi dedicada. Das duas inscrições apenas podemos concluir, com segurança, que houve um *Cornelius Bocchus L. filius* e um *Cornelius Bocchus C. filius*.

Quanto a uma terceira inscrição descoberta também em Alcácer, que se refere talvez a um *Bocchus*, segundo Leite de Vasconcelos, ou possivelmente a um *Plutarchus*, conforme aventura Hübner <sup>(22)</sup>, nada esclarece

C. F.: «...nisi forte Cornide erravit atque in illo [titulo *Salaciensi*] quoque L. F. scriptum erat» e acaba por inclinar-se para a hipótese de as duas inscrições se referirem ao mesmo indivíduo: «Puto hominem indicari in utroque titulo eundem, cum dignitates prorsus convenient. Nam quod in titulo [*Salaciensi*] prius iam noto legionis numerus et cognomen omitta sunt, id factum est ex saeculi primi consuetudine notissima.»

Hipótese muito admissível se considerarmos a documentação de que Hübner dispôs mas que me parece insustentável depois do descobrimento da inscrição da Sempre-Noiva.

(22) Eis a inscrição, segundo Leite de Vasconcelos:

CHVS · PR · CAESARVM BIS  
T · PERP · FLAMEN · PERP  
II · PR · FABR · V · TR · MIL · DSPF

(cf. *O Arch. Português*, XIX (1914), págs. 306-7; v. reedição in *De Terra em Terra*, II, pág. 88 [Leite de Vasconcelos apresentou uma primeira versão menos correcta in *O Arch. Português*, I, pág. 691]. *Nota* — A reprodução dada por este autor, quer n' *O Arch.*, quer no *De Terra em Terra*, mostra, na primeira linha, o C inicial, o I e o último S apagados na parte superior e assinala com tracejado, na segunda, uma letra destruída antes do T. Para facilitar o trabalho da tipografia apresento esses caracteres inteiros e eliminei o referido sinal de destruição.

Reconstituição do mesmo autor:

«...[*Cornelius*] [*Boc*]chus, pr(aefectus) Caesarum bis,... [Pon]t(ifex)? perp(etuus), flamen perp(etuus),... I, pr(aefectus) fabr(um) V, tr(ibunus) mil(itum), d(e) s(ua) p(ecunia) f(ecit)».

Leite de Vasconcelos fez esta reconstituição n' *O Arch. Portug.*, I, pág. 73, portanto antes de ter verificado que, em vez dum I havia dois na inscrição.

Versão de Hübner, com a respectiva reconstituição:

.....  
l. titius. l. f. . . . . plutar  
CHVS PRaef. CAESARVM BIS  
ponT · PERP · FLAMEN · PERP  
eT · PRaef · FABRV · TR · MIL  
D · S · P · F

nem é esclarecida pelo descobrimento da Sempre-Noiva. A hipótese de Leite de Vasconcelos é sedutora mas continua a ser uma hipótese e, atrevo-me a dizê-lo, de certa fragilidade, embora mais verosímil que a de Hübner <sup>(23)</sup>.

Quanto ao problema tão brilhantemente debatido por Leite de Vasconcelos <sup>(24)</sup> das relações do ou dos *Cornelii Bocchi* das inscrições lusitano-romanas com o escritor latino (o emprego deste adjectivo é deliberado) homónimo, citado por Plínio, Solino <sup>(25)</sup> e talvez Cassiodoro, não só não é resolvido ou sequer aclarado pelo descobrimento da Sempre-Noiva como até se complica um pouco. De facto, continua por demonstrar que esse escritor seja lusitano ou mesmo hispânico (embora não seja «temerário» admiti-lo, como ponderadamente escreveu Leite de Vasconcelos <sup>(26)</sup>, e, no dia em que se consiga essa demonstração, ter-se-á de provar, depois, que ele era o *Bocchus L. filius* da inscrição da Tróia ou o *Bocchus C. filius* do texto da Sempre-Noiva ou até um terceiro, parente destes <sup>(27)</sup>.

Para terminar, evocarei um passo de Hübner referente ao problema, publicado na revista *Hermes*, I (1866), pág. 397, e que, apesar de transcrito por Leite de Vasconcelos n' *O Archeologo Português*, V (1899-1900), pág. 49, nunca foi, que eu saiba, comentado pelo menos em Portugal:

(cf. *CIL*, II, *Suppl.*, n.º 5617. V. versão e reconstituição anteriores, pelo mesmo autor, in *CIL*, II, n.º 2479).

Convém, todavia, não esquecer que Hübner julgava ser de Trás-os-Montes esta inscrição (*CIL*, II, n.º 2479, *CIL*, II, *Suppl.*, n.º 5617, e Leite de Vasconcelos, *O Arch. Portug.*, I, pág. 70), não lhe tendo talvez por isso ocorrido que CHVS pudesse ser o final de BOCCHVS.

<sup>(23)</sup> A hipótese do epigrafista alemão não deixa, contudo, de ser de ponderar porque a Epigrafia documenta a presença de gregos ou, pelo menos, de indivíduos de nome helénico no vale do Sado. V., por ex., in *CIL*, II, as inscrições n.ºs 34 (*Himerus* < *Ἡμερος*), 43 (*Antiocus* = *Antiochus* < *Ἀντίοχος*), 44 (*Calistratus* = *Callistratus* < *Καλλίστρατος*), etc.; in *O Arch. Português*, I, pág. 56, *Hypnus* < *Ἡπνος*.

<sup>(24)</sup> Cf. *O Arch. Português*, I, págs. 74-76. A posição tomada neste artigo de 1895 foi mantida pelo menos até 1927, ano em que Leite de Vasconcelos o reeditou no *De Terra em Terra*, II, págs. 19 e segs., sem modificações importantes.

<sup>(25)</sup> A este respeito, v. também Hübner, *CIL*, II, pág. 7, n.º 35, e *CIL*, II, *Suppl.*, pág. 803, n.º 5184.

<sup>(26)</sup> Cf. *O Arch. Português*, I, pág. 75.

<sup>(27)</sup> V. bibliografia muito completa (até 1895) sobre o escritor *Cornelius Bocchus* in Leite de Vasconcelos, *O Arch. Português*, I, pág. 74. V. também Pauly-Wissowa, *Real-Encyclopädie der Classischen Altertumswissenschaft*, V, Stuttgart, 1897, col. 579, w. *Bocchus* Nr. 3 [Henze], e col. 886, w. *Broccus* Nr. 1 [Brzoska]; VII, Stuttgart, 1900, w. *Cornelius*, col. 1273, §. 77) *L. Cornelius Bocchus* [Stein].

«An der Identität dieses Bocchus mit dem Schriftsteller wird nicht zu zweifeln sein, denn die Zeit der Inschrift (sie gehört ihrer ganzen Fassung nach und weil beim Tribuentitel die Angabe der Legion fehlt in die augustisch Zeit) und der Fundort (vielleicht war Bocchus von Geburt ein Lusitaner; der Name ist in jenen Gegenden häufig) stimmen durchaus.» <sup>(28)</sup>.

Esta atitude demasiadamente dogmática, que contrasta com a extrema prudência de Leite de Vasconcelos ao tratar do mesmo problema, só se justifica, a meu ver, por uma precipitação de Hübner, que, aliás, tinha 32 anos apenas quando escreveu estas linhas. «Der Name ist in jenen Gegenden häufig»: como *häufig* se, em 1866, só se conhecia em toda a Península, um texto com o nome de *Cornelius Bocchus* <sup>(29)</sup> — o que viria a ser publicado, três anos depois, sob o n.º 35, no *CIL*, II —, embora se tivesse já notícia de três inscrições em que se mencionavam, respectivamente, um *Boccus* <sup>(30)</sup> *Grati filius* (*CIL*, II, n.º 769 [*Caurium* = Cória]), uma *Bocci filia* (*CIL*, II, n.º 410 [Viseu]) e um *L. Manlius Bocchus* (*CIL*, II, n.º 2225 [*Corduba*])?

Hübner reconsiderou a sua atitude e, mais tarde, em 1892, não obstante ter aparecido, entretanto, mais uma inscrição referente a um *Cornelius Bocchus* (a da Tróia), escrevia: «Referendus est titulus [*Caetobrigensis* = *de Tróia*] *summa cum probabilitate* ad *Cornelium Bocchum historicum*, cuius *chronica Solinus* excerptis... *Bocchi cognomen similia-que originis fortasse Africanae etiam in Lusitania non rara sunt*;...» <sup>(31)</sup>.

<sup>(28)</sup> Extraí estas linhas da transcrição citada de Leite de Vasconcelos.

<sup>(29)</sup> A inscrição da Tróia foi achada em 1871 (cf. Hübner, *CIL*, II, *Suppl.*, n.º 5184, e Leite de Vasconcelos, *O Arch. Português*, I, pág. 70).

<sup>(30)</sup> Considero aceitável a identidade *Boccus* = *Bocchus*. Sobre *Boccus*, v. Pauly-Wissowa, *ob. cit.*, V, col. 579, w. *Boccus* [Ihm].

<sup>(31)</sup> Cf. *CIL*, II, *Suppl.*, pág. 803. Itálicos meus.

Sobre os *Bocchi* mauritânicos, v., por exemplo, Pauly-Wissowa, *ob. cit.*, V, w. *Bocchus* Nr. 1 (cols. 577-78) e Nr. 2 (cols. 578-79) [Klebs], e w. *Bogudes* Nr. 1 e 2 (cols. 608-609) [Klebs], e *The Oxford Classical Dictionary*, Oxford, 1950, pág. 139, w. *Bocchus*. Sobre um *C. Nunnus Bocchus*, que viveu no Lácio, v. *CIL*, X, 5744.

Acerca de *Boccus*, «der Localgott», v. Pauly-Wissowa, *ob. cit.*, V, w. *Boccus*, col. 579 [Ihm].

Sobre o rei egípcio Βωχος = Βοηθός, v. também Pauly-Wissowa, *ob. cit.*, V, col. 580, w. *Bochos*, e col. 601, w. *Boëthos* Nr. 1. Suponho, porém, que não haja qualquer relação entre os nomes *Bocchus* e Βωχος. [Este vocábulo tem acento circunflexo no ómega, que não é impresso por dificuldades tipográficas].

Cf. também *Bocchori* (= *Bocchorum* de Plínio) [«alte Stadt, unweit des heutigen Alcudia an der nordwestlichen Spitze der Balearis maior» (Hübner, art. *Bocchori*, in Pauly-Wissowa, *ob. cit.*, V, col. 576). V. também a este respeito, García y Bellido, *La España del Siglo Primero*

Como acabamos de ver, a inscrição que o Sr. Túlio Espanca encontrou na Sempre-Noiva tem uma importância verdadeiramente excepcional. Por isso, faço votos por que ela ingresse em breve num museu do Estado, tanto mais que estando hoje na face exterior dum muro, em pleno campo, pode desaparecer ou ser destruída dum momento para o outro.

Lisboa, Janeiro de 1956.

## APÊNDICE

### *Notícia duma Inscrição Lusitano-Romana Existente num Muro da Quinta da Sempre-Noiva (Arraiolos)*

Por ocasião da minha recente visita a Évora, o Sr. Túlio Espanca, que elabora, presentemente, o inventário artístico do concelho, pediu a minha opinião acerca da leitura, que fizera duma inscrição lusitano-romana com que deparara ao estudar o palácio e a quinta da Sempre-Noiva, situados nos arredores de Arraiolos.

A lápide de mármore está metida no muro desta quinta e o Sr. Espanca conseguiu ler:

LIO  
DOCCHO  
AM PRO INCIRMIL  
LONIA SCALLABITANA  
MERITA IN COLONIA

Imediatamente me saltou à vista que a palavra exarada na segunda linha devia ser BOCCHO e não DOCCHO. Perguntei ao Sr. Espanca se

---

*de Nuestra Era*, Madrid, 1947, especialmente pág. 245. Hübner e Bellido aproximam este nome dos topónimos modernos *Boguer* e *Campo de Bocar*], *Brocchus* (CIL, I, n.ºs 485, 1194; III, n.ºs 4360, 9982, 9994, 13826; V, n.º 5985; IX, n.º 4806; X, n.ºs 6009, 7377; XII, n.ºs 2606, 2607, 3167; etc.), *Broccus* (= *Brocchus*?) (CIL, I, n.º 1266; III, n.º 3790; V, n.ºs 4668, 5618, 5984, 6110; IX, n.º 448), *Brocus* (= *Broccus*?) (CIL, VIII, n.º 5753), *Boicus* (CIL, V, n.º 433), *Boiscus* (CIL, XII, n.º 4961), *Brochius* (CIL, V, n.º 5972).

Penso não existir relação entre *Bocchus* e *Boco*, topónimo bastante frequente no nosso país, ao norte do Tejo, em especial nos distritos de Braga, Porto, Aveiro e Viseu. A par de *Boco*, aparece, por vezes, a forma *Bouco*.

tinha a certeza da sua leitura. Com uma honestidade digna de todo louvor, declarou-me que a primeira letra dessa linha lhe parecera um D mas que podia ser, de facto, um B.

Continuando o exame, achei no texto, algo de familiar, tal como se já o tivesse lido alguma vez ou houvesse estudado um muito semelhante.

Fui, por isso, à Biblioteca Pública de Évora, onde requisitei o vol. II do *CIL*. Nele encontrei, sem dificuldade, sob o n.º 35, a seguinte inscrição reconstituída por Hübner:

L · CORNELIO · C · F  
BOCCHO  
FLAM · PROVINc · TR · MIL ·  
COLONIA · SCALABITANA  
OB · MERITA · IN · COLONIAM

Como se vê, ela coincide, na sua quase totalidade, com o texto da Sempre-Noiva. Apenas, Hübner dizia que a inscrição existia em ... Alcácer do Sal, onde, ainda nos fins do século XVIII, José Andrés Cornide y Saavedra <sup>(32)</sup> a encontrara <sup>(33)</sup> «junto a la iglesia de la Misericordia» !

Esta circunstância e a quase perfeita identidade dos textos obrigaram-me a novas consultas bibliográficas, que efectuei ainda em Évora.

No artigo de Leite de Vasconcelos, *Excursão archeologica a Alcacer-do-Sal*, publicado n' *O Archeologo Português*, I (1895), págs. 65 e segs. <sup>(34)</sup>, encontrei a notícia de que a inscrição n.º 35 do *CIL* já não estava nessa vila em 1894, data da visita do insigne sábio.

O que acabo de expor leva-me a aventurar as seguintes hipóteses:

- 1) a inscrição da Sempre-Noiva e a n.º 35 do *CIL* são uma só;
- 2) gravaram-se duas inscrições iguais ou quase, uma das quais, a de Alcácer, se perdeu.

<sup>(32)</sup> Naturalista e antiquário castelhano. Esteve em Portugal nos anos de 1794 e 1795.

<sup>(33)</sup> [Quando escrevi esta *Notícia*, não sabia ainda que Cornide não tinha copiado a inscrição directamente da pedra].

<sup>(34)</sup> Este artigo voltou a ser publicado, com pequenas correcções, sob o título de *Visita a Alcacer-do-Sal*, in *De Terra em Terra*, II, Lisboa, 1927, págs. 19 e segs.



No primeiro caso, duas possibilidades ainda se devem considerar: ou a lápide nunca esteve em Alcácer e Cornide equivocou-se, ou a inscrição, que existia, nos fins do século XVIII nessa vila, foi transportada, em data ignorada (mas depois de 1795 e provavelmente antes de 1894) para a Sempre-Noiva.

A hipótese do equívoco de Cornide é pouco plausível, pois, já muito antes deste espião-arqueólogo, *Carolus Clusius* (1525?-1609) atribui a Alcácer uma inscrição que pode muito bem ser a de Cornide, embora nos seus escritos a apresente com quatro linhas apenas:

C · MELIO  
DOC · CH · AM PROMC · IN  
MIL · COLONIA · SALABITANA  
MERITA IN COLONIA

(cf. *CIL*, II, pág. 7, n.º 35).

De momento, pareceu-me mais plausível a hipótese da deslocação da lápide mas admito que ulteriores investigações me obriguem a rectificar a minha opinião.

Por agora, o que me parece fundamental é o estudo da inscrição da Sempre-Noiva, pois, considerada a importância dos problemas que gravitam em torno do nome de *Cornelius Bocchus* — e dos quais se pode fazer uma ideia, consultando o artigo citado de Leite de Vasconcelos — todo monumento, que o ostente, adquire singular interesse.

... ..

Lisboa, 17 de Novembro de 1955.

O vogal da 2.<sup>a</sup> Subsecção da 6.<sup>a</sup> Secção da J. N. E.

a) *Fernando Bandeira Ferreira*





Fotog. 1



Fotog. 2

Escala 1:4,5 (aprox.)

(Fotogs. do autor)



Fotog. 3

Escala de 1:4 (aprox.)



(Desenhos e fotografias do autor)

Escala de 1:4 (aprox.)